

**ALIMENTAÇÃO, CORPO E IMAGEM:
TRANSTORNOS ALIMENTARES ENTRE UNIVERSITÁRIAS DA ÁREA DA SAÚDE**

Cristiana Caldeira Brant Gabarra¹, Paula Bolbinski Guimarães Carneiro¹, Vanessa Alves Ferreira²

RESUMO

Esta revisão narrativa teve como objetivo compreender a relação entre insatisfação com a imagem corporal (IC) e o risco de desenvolver transtornos alimentares (TA) e ortorexia nervosa (ON) em jovens universitárias da área das ciências da saúde. Para tal, realizou-se uma revisão de literatura nas bases de dados das bibliotecas eletrônicas MEDLINE, LILACS, BDNF, SciELO e IBECs. Os critérios para a inclusão dos estudos foram: artigos publicados na íntegra nos últimos quatro anos (2016 a 2020), em língua portuguesa, inglesa e espanhola, no Brasil e no exterior. Foram utilizados os seguintes descritores: imagem corporal; transtornos da alimentação e da ingestão de alimentos, anorexia nervosa, bulimia, comportamento alimentar; estudantes de ciências da saúde. Foram selecionados 11 artigos. Os resultados revelaram vários fatores envolvidos na relação da IC com os TAs e a ON, entre as jovens universitárias, entre eles: estado nutricional, checagem corporal, depressão, internalização do estigma do peso, influência da mídia, ruminação, processamento seletivo de imagens corporais, omissão de refeições, período do curso de graduação e rede de ensino, restrição cognitiva, alimentação emocional e alimentação descontrolada. Destaca-se uma ocorrência importante de IC e comportamentos de risco para TAs e ON em universitárias do curso de Nutrição. Conclui-se que há necessidade de implementar ações preventivas e de promoção da saúde nos espaços universitários.

Palavras-chave: Transtornos da Alimentação e da Ingestão de Alimentos. Comportamento Alimentar. Imagem Corporal. Estudantes de Ciências da Saúde.

1 - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem, Departamento de Nutrição, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
2 - Doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.

ABSTRACT

Feeding, body and image: eating disorders among female academics in the area of health education

The present narrative review had the goal to comprehend the relationship between dissatisfaction with body image and the risk of development of feeding and eating disorders and orthorexia nervosa in young female students in the health field. For such purpose, a bibliographic review was performed using the databases of the electronic libraries MEDLINE, LILACS, BDNF, SciELO e IBECs. The criteria for inclusion of studies were: articles published with full text in the last five years (2016 to 2021), in Portuguese, English and Spanish, in Brazil and abroad. The following descriptors were used: body image, feeding and eating disorders, anorexia nervosa, bulimia, feeding behavior, students, health occupations. There were selected 11 articles. Results have revealed multiple factors involved relative to the dissatisfaction with body image and eating disorders and orthorexia nervosa, being: nutritional status, body-checking, depression, internalized weight bias, media influence, rumination, selective attention for body images, omission of meals, phase in the graduation course and whether the higher education is a public or private institution, cognitive restriction, emotional eating e uncontrolled eating. It is highlighted an important occurrence of dissatisfaction with body image and the risk of development of feeding and eating disorders and orthorexia nervosa in female Nutrition students. It is concluded that there is a need for implementation of preventive actions and health promotion in academic spaces.

Key words: Feeding and Eating Disorders. Feeding Behavior. Body Image. Students, Health Occupation.

E-mail dos autores:
crisbrantgabarra@hotmail.com
paula.bolbinski@outlook.com
vanessa.nutr@gmail.com

INTRODUÇÃO

A formação humanista na área da saúde é determinante para o bom exercício dos futuros profissionais.

Esse público, especialmente os estudantes de graduação em Nutrição, apresenta maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de transtornos alimentares (TA), distorção da imagem corporal (IC) e comportamentos de risco para distúrbios alimentares (Araújo, Bento e Custódio, 2018; Maia e colaboradores, 2018).

Durante a vivência universitária, ocorrem grandes transformações na vida do estudante, entre elas: aumento de responsabilidades; altas demandas e exigências acadêmicas; dificuldade em conciliar os estudos com o trabalho, a família e o lazer; preocupações futuras com o mercado de trabalho altamente competitivo; entre outras situações.

Nesta etapa de vida, os universitários podem apresentar uma redução no tempo para o descanso, o lazer, horas de sono e ainda, alterações na dieta (omissão de refeições, alimentação inadequada, maior consumo de fast-foods e ultraprocessados) e nas práticas esportivas, sendo comum a ocorrência de sedentarismo e a adesão a um estilo de vida desregrado (Santos e colaboradores, 2021; Beneton, Schmitt, e Andretta (2021); Duarte, Almeida e Martins, 2013; Monteiro e colaboradores, 2009).

Os estudantes, podem vivenciar ainda, limitações de ordem financeira; mudança de domicílio ou cidade (e perda da rede de apoio); alteração do convívio social, maior acesso a álcool, tabagismo e demais drogas (Trindade e colaboradores, 2019).

Segundo Trindade e colaboradores (2019), Costa e colaboradores (2018), Beneton, Schmitt e Andretta (2021), e Monteiro e colaboradores (2009), os universitários podem vivenciar sentimentos como estresse, insegurança, medo, frustração, angústia, preocupação e ansiedade.

Conseqüentemente, esses indivíduos são um grupo de risco para várias doenças e distúrbios, sendo mais susceptíveis a desenvolverem transtornos de várias ordens.

Sob esta perspectiva, observa-se que o ambiente universitário está associado à insatisfação com a imagem corporal e a alterações no comportamento alimentar, mais

prevalentes não apenas em universitários como em profissionais da saúde.

Os universitários também apresentam maiores prevalências em relação à população geral de transtornos mentais comuns e quadros sintomáticos de ansiedade, depressão e sofrimento mental intenso (Mota e colaboradores, 2021).

Além disso, os estudantes da área da saúde apresentam um maior risco para a ocorrência de insatisfação corporal, maior nível de estresse e maior risco para sintomas de sofrimento psíquico conforme evidencia a literatura (Santos e colaboradores, 2021; Beneton, Schmitt, e Andretta, 2021; Guimarães, 2018; Carvalho e colaboradores, 2013; Alvarenga, Scagliusi e Philippi, 2011; Costa e colaboradores, 2018; Kessler e Poll, 2018).

Paralelamente, nas sociedades contemporâneas ocidentais, a hipervalorização do corpo e da estética são prevalentes, sendo impostos padrões de beleza, muitas vezes inatingíveis, que são largamente difundidos nas mídias sociais de forma a influenciar comportamentos e atitudes, sobretudo dos jovens (Bernardino e colaboradores, 2020; Silva e Pires, 2019; Oliveira, Figueredo e Cordás, 2019; Frois e Stengel, 2011).

Nesta nova ordem social, o corpo se tornou um capital importante estando associado a símbolos de poder, status social e beleza, sendo tratado como objeto de consumo (Comério, Ferreira, Riul, 2009; Bosi e colaboradores, 2006; Souza e Alvarenga, 2016; Goldenberg, 2011).

Historicamente, as mulheres ocidentais, apresentam uma maior vulnerabilidade às pressões dos padrões estéticos culturais impostos socialmente. Como consequência, observa-se, frequentemente, a insatisfação do grupo feminino, com seus corpos, e uma alta prevalência de desenvolver transtornos alimentares.

Ademais, as alterações do comportamento alimentar também se mostram mais prevalentes em mulheres que frequentam o ensino superior na área das ciências da saúde (Comério, Ferreira, Riul, 2009; Guimarães, 2018; Kessler e Poll, 2018; Fortes, Almeida e Ferreira, 2013; Moraes e colaboradores, 2016; El Assal e Fernandes, 2014; Oliveira e Hutz, 2010; Bosi e colaboradores, 2006).

De acordo com a literatura, os TA são de etiologia multifatorial e estão associados a

severos prejuízos para a qualidade de vida e para a saúde física e mental dos indivíduos, além de altas taxas de morbimortalidade.

O que representa um alto custo para os sistemas de saúde assumindo grande relevância clínica e epidemiológica no Brasil e no mundo (Bernardino e colaboradores, 2020; Moraes e colaboradores, 2016; Bento e colaboradores, 2016; Oliveira e Hutz, 2010).

Particularmente, no Brasil, representam cerca de 15% da população jovem feminina (Bernardino e colaboradores, 2020).

Esses transtornos mentais alteram negativamente o comportamento alimentar ao desencadear preocupações excessivas e persistentes com a forma física e/ou alimentar, podendo acarretar o desenvolvimento de outros distúrbios mentais como a depressão (Borges e colaboradores, 2006; Costa e colaboradores, 2018).

Ademais, é frequente a recusa em buscar ajuda de um profissional ou mesmo de se admitir que está com uma doença que demanda tratamento, havendo uma menor procura por auxílio, principalmente em casos não graves, de forma que a incidência e prevalência podem ser subestimadas (Borges e colaboradores, 2006).

Os fatores envolvidos na etiologia desses transtornos podem ser de três tipos: predisponentes, precipitantes e mantenedores.

Os predisponentes tornam maior o risco de desenvolvimento de transtornos, podendo ser fatores genéticos ou devido a interações familiares, socioculturais, como o ideal cultural de magreza, características individuais, entre eles traços de personalidade, baixa autoestima e tendência à obesidade.

Enquanto isso, os que precipitam a doença podem ser identificados como hábito de fazer dieta ou a ocorrência de eventos estressores; e marcam o início do surgimento dos sintomas.

Por sua vez, os mantenedores, que definem se a doença se manterá e inclui alterações fisiológicas e psicológicas causadas pela desnutrição e pelos episódios de compulsão alimentar e purgação (Borges e colaboradores, 2006; Morgan, Vecchiatti e Negrão, 2002; Reis e Soares, 2017).

A ON é conceituada como um comportamento obsessivo patológico, caracterizado pela fixação por uma alimentação saudável e preocupação exacerbada e rigorosa com a dieta, apresentando associação a situações de privações e restrições, que podem

conduzir a carências nutricionais, desnutrição ou osteoporose.

Estudos sugerem que estudantes e profissionais da área de saúde, com destaque para estudantes do curso de Nutrição, são mais propensos a desenvolverem comportamento ortoréxico, provavelmente por haver uma maior cobrança quanto à conduta alimentar (Vilhena e Santos, 2022; Penaforte e colaboradores, 2018; Vital e colaboradores, 2017; Souza e Rodrigues, 2014).

Comportamentos de risco para transtornos alimentares sofrem aumento de incidência e prevalência a cada ano, sendo frequentes em universitárias que apresentam relação conturbada com o corpo e a alimentação.

Esses comportamentos podem se apresentar como dietas em excesso; exercícios físicos extenuantes; pesagem frequente e checagem corporal; sentimento de culpa relacionado ao comer; insatisfação corporal com peso eutrófico; preocupação com a comida; negação da fome; vômito autoinduzido; e uso de substâncias tais como comprimidos para dieta, laxantes ou diuréticos para controle do peso (Santos e colaboradores, 2021; Oliveira, Figueredo e Cordás, 2019; Guimarães, 2018; Oliveira e colaboradores, 2017; Oliveira e Hutz, 2010).

Ademais, o desenvolvimento do comer transtornado tem como principal fator de risco a insatisfação corporal (Santos e colaboradores, 2021; El Assal e Fernandes, 2014; Carvalho e colaboradores, 2013).

A IC pode ser definida como a interpretação e as percepções individuais com relação à figura do tamanho e formato corporal, modificada pelas experiências e vivências, sendo associados os sentimentos e pensamentos (Vargas, 2014; Frois e Stengel, 2011).

A insatisfação com a IC se dá a partir da diferença entre a idealização do corpo para o corpo atual e o sofrimento gerado a partir dessa disparidade em relação à sua aparência (Souza e Alvarenga, 2016).

Portanto, pode estar associada à baixa autoestima, depressão, estresse, ansiedade e isolamento social, acarretando a depreciação do corpo, predispondo os indivíduos a busca desenfreada pela redução de peso e podendo desencadear a ocorrência de TA (Santos e colaboradores, 2021; Oliveira e colaboradores, 2019).

O excesso de peso, na literatura, é associado fortemente à insatisfação com a IC (Moraes e colaboradores, 2016; Fortes, Almeida e Ferreira, 2013).

Ademais, tende-se a haver associação de comportamentos de checagem corporal em indivíduos insatisfeitos com sua IC, como ao se apresentar rituais de medir, pesar e comparar a forma corporal (Carvalho e colaboradores, 2013).

Esta revisão de literatura teve como objetivo compreender a relação entre insatisfação com a imagem corporal (IC) e o risco de desenvolver transtornos alimentares (TA) e ortorexia nervosa (ON) em jovens universitárias da área das ciências da saúde.

Nosso intuito foi apontar caminhos possíveis para o enfrentamento e a prevenção desses transtornos no ambiente universitário.

MATERIAIS E MÉTODOS

A revisão narrativa da literatura visa construir um fundamento teórico, ao descrever e discutir o "estado da arte" de um assunto, podendo apresentar viés de seleção de informações (Cordeiro e colaboradores, 2007; Rother, 2007).

Neste estudo, foram selecionados 11 artigos científicos produzidos no Brasil, na Austrália e nos Estados Unidos durante os últimos 5 anos (2016 a 2021).

Foram aplicados os seguintes descritores em Ciência da Saúde (DeCS) da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS): imagem corporal; transtornos da alimentação e da ingestão de alimentos, comportamento alimentar; estudantes de ciências da saúde; anorexia nervosa. Foram utilizados os bancos de dados das bibliotecas eletrônicas BVS (MEDLINE, LILACS, IBECs e BDNF) e SciELO, sendo a LILACS (n=5) a base de dados com a maior quantidade de publicações selecionadas, seguida da MEDLINE (n=2), SciELO (n=1) e da BDNF (n=1).

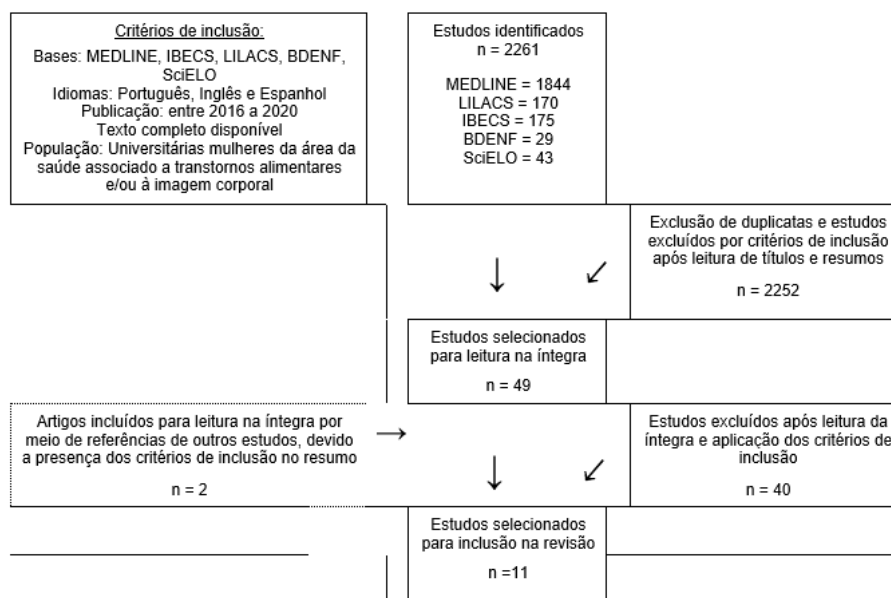
Além disso, a partir das referências dos estudos selecionados para a revisão foram selecionados 2 artigos que se incluíam nos critérios de inclusão, totalizando 11 artigos.

Os critérios para inclusão dos estudos foram: artigos publicados na íntegra nos últimos cinco anos (2016 a 2021), no Brasil e no exterior, em línguas portuguesa, inglesa ou espanhola.

Foram excluídos artigos que não se apresentavam incluídos nos critérios de inclusão nos idiomas e anos selecionados, e nas bases buscadas, que apresentassem universitárias do sexo feminino da área da saúde e correlação com TA e/ou IC.

Para a seleção dos materiais bibliográficos, realizou-se a leitura do título e resumo e, após selecionados, fez-se a leitura analítica dos trabalhos integralmente.

Fluxograma das etapas da revisão, 2021.



Dentre a amostra, 09 artigos foram estudos nacionais, sendo que os 02 que foram realizados no exterior foram incluídos por trazerem, de forma universal, aspectos importantes para o entendimento da ocorrência de TA, comportamentos de risco e insatisfação com a IC.

Todos os estudos selecionados foram realizados com mulheres universitárias da área da saúde. As graduandas do Curso de Nutrição foram o grupo mais estudado dentre os artigos selecionados, estando presente em 81,8% (n=09) desses estudos, seguido pelos cursos de graduação em Educação Física (27,3%, n=3); Fisioterapia (27,3%, n=3); Estética e Cosmética (18,2%, n=2); Medicina (18,2%, n=2); Psicologia (18,2%, n=2); Enfermagem (18,2%, n=2); Farmácia (18,2%, n=2); Biologia (9,1%, n=1) e Odontologia (9,1%, n=1).

Quanto ao tamanho amostral, os estudos possuem variação, com amostras de 45 até 254 universitárias, que apresentavam idades entre 17 e 49 anos nos estudos, sendo o perfil das amostras mulheres de faixa etária jovem adulta.

A maior parte dos estudos avaliaram a associação de variáveis, entre elas insatisfação com a IC e TA em um único grupo populacional. Dessa forma, os artigos presentes nesta

revisão avaliaram em sua maioria TA em universitárias da área da saúde (n=10), seguido de IC nesse mesmo grupo (n=6) e as duas variáveis em conjunto, (n=4).

Para a investigação da IC, os estudos de Kessler e Poll (2018), Reis e Soares (2017) aplicaram o instrumento Body Shape Questionnaire (BSQ).

Para identificação da percepção com relação a IC foi utilizada a Silhouette Matching Task (SMT), também denominada Teste para avaliação da imagem corporal ou Escala de Silhuetas de Stunkard e o Contour Drawing Rating Scale (CDRS).

Nos estudos de Oliveira e colaboradores (2020), Araújo, Bento e Custódio (2018), Kessler e Poll (2018), Reis e Soares (2017), Bento e colaboradores (2016) e Moraes e colaboradores (2016) foi aplicado o instrumento Eating Attitudes Test (EAT-26), que avalia a presença de comportamentos de risco para TA.

Também foram empregados os instrumentos Eating Disorder Examination Questionnaire (EDE-Q), ORTHO-15, Three Factor Eating Questionnaire - R21, a Escala de Compulsão Alimentar Periódica (ECAP) e o Dutch Eating Behaviour Questionnaire (DEBQ).

Tabela 2 - Caracterização dos estudos relativa à amostra e perfil das universitárias, objetivos e métodos.

Autores	Amostra e perfil das universitárias	Objetivos	Métodos
Bento e colaboradores, 2016 Petrolina, PE - Brasil	174 mulheres graduandas dos cursos de nutrição (17,24%), enfermagem (45,40%), e fisioterapia (37,36%) da Universidade de Pernambuco (UPE) com idades entre 18 a 26 anos.	Verificar comportamentos de risco para TA, estado nutricional e percepção da IC em universitárias dos cursos de saúde	Aplicados Body Shape Questionnaire (BSQ), Eating Attitudes Test (EAT-26) e Escala de Silhuetas (SMT).
Moraes e colaboradores, 2016 Maranhão - Brasil	254 mulheres graduandas do primeiro e último ano de cursos de nutrição de uma universidade pública e duas privadas, com idades entre 17 a 49 anos	Verificar comportamentos de risco para TA e fatores associados à insatisfação com a IC.	Aplicados Body Shape Questionnaire (BSQ), Eating Attitudes Test (EAT-26) e instrumento do Ministério da Saúde "Como está sua alimentação?", que avaliou hábitos saudáveis.
Sienko e colaboradores, 2016	172 mulheres graduandas do curso de psicologia, com idades entre 18 a 56 anos,	Verificar comportamentos de risco para TA e o papel mediador potencial do viés de peso internalizado (IWB) na	Aplicados os questionários Patient Health Questionnaire (PHQ-9) para avaliar depressão, Weight Bias Internalization Scale (WBIS) para avaliar o viés de peso

Ypsilanti, MI - Estados Unidos	sendo 92,4% entre 18 a 25 anos.	relação entre sintomas depressivos (DEP-SX).	internalizado e Eating Disorder Examination Questionnaire (EDE-Q) para avaliar sintomas de TA.
Dondzilo e colaboradores, 2017 Perth, Austrália Ocidental - Austrália	73 mulheres graduandas do curso de psicologia com idades entre 17 a 24 anos.	Verificar a associação entre o processamento seletivo de atenção de imagens corporais, ruminação e sintomas de TA.	Aplicados Questionário Holandês de Comportamento Alimentar (DEBQ), Escala de Resposta Ruminativa para Transtornos Alimentares (RRS-ED), Body Shape Questionnaire (BSQ)
Oliveira e colaboradores, 2017 Governador Valadares, MG - Brasil	92 mulheres graduandas dos cursos de Medicina, Educação Física, Nutrição, Fisioterapia e Farmácia, com idades entre 18 e 35 anos.	Comparar os níveis de insatisfação corporal, checagem corporal e comportamentos de risco para TA, bem como avaliar a associação da checagem corporal e a insatisfação corporal em cada curso.	Aplicados Questionário de dados sociodemográficos, Body Shape Questionnaire (BSQ), Eating Attitudes Test-26 (EAT-26) e Body Checking Questionnaire (BCQ), que avaliou comportamentos de checagem corporal.
Lopes e colaboradores, 2017 Teresina, PI - Brasil	174 mulheres graduandas do curso de Nutrição da Universidade Federal do Piauí (UFPI), com idade superior a 19 anos.	Verificar a associação entre a percepção da IC e o estado nutricional.	Escala de Silhuetas de Stunkard (SMT), Questionário sobre Imagem Corporal (BSQ). Realizada a aferição de peso e estatura e, a partir do cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC), a classificação do estado nutricional.
Reis, Soares 2017 Uberlândia, MG - Brasil	165 mulheres graduandas do curso de nutrição de uma universidade pública, com idade superior a 18 anos.	Verificar a percepção de imagem, a satisfação corporal e o risco para TA.	Aplicados Eating Attitudes Test (EAT-26), Body Shape Questionnaire (BSQ) e Silhouette Matching Task (SMT).
Araújo e colaboradores, 2018 Brasília, DF - Brasil	70 mulheres graduandas do curso de nutrição no primeiro ano da graduação de uma instituição particular, com idades entre 18 e 50 anos.	Verificar sintomas para o desenvolvimento de anorexia nervosa.	Aplicado Eating Attitudes Test (EAT-26). Foi calculado o índice de massa corporal (IMC) através de peso e altura aferidos e autorreferidos.
Kessler, Poll. 2018 Santa Cruz do Sul, RS - Brasil	225 mulheres graduandas dos cursos de Educação Física, Nutrição, Fisioterapia, Odontologia, Graduação Tecnológica em Estética e Cosmética, Medicina, Farmácia, Enfermagem.	Verificar a relação entre comportamentos de risco para TA, insatisfação com a IC e o estado nutricional.	Aplicados Body Shape Questionnaire (BSQ), Eating Attitudes Test (EAT-26) e um questionário construído pelas pesquisadoras contendo os dados autorreferidos de altura, peso atual e peso desejado, curso e idade. O estado nutricional foi estabelecido segundo o cálculo do IMC.
Lemos e colaboradores, 2018 São Paulo, SP - Brasil	95 mulheres graduandas do primeiro e último ano dos cursos de nutrição e biologia, com média de idades de 21 (19;24) para nutrição e 20 para biologia (18;21).	Verificar a predisposição a comportamentos alimentares.	Aplicados ORTO-15, para avaliar comportamento ortoréxico e Three Factor Eating Questionnaire (R21) para avaliar a restrição cognitiva, alimentação emocional e alimentação não controlada.

Oliveira e colaboradores, 2020
Belo Horizonte, MG - Brasil

45 mulheres graduandas dos cursos de Nutrição; Estética e Educação Física da UEMG, com idade superior ou igual aos 20 anos de idade.

Verificar indícios de TA, satisfação com a IC e influência da mídia.

Aplicados Body Shape Questionnaire (BSQ), Eating Attitudes Test (EAT-26), questionário de Teste de Imagem Corporal, Atitudes Socioculturais em Relação à Aparência, Escala de Compulsão Alimentar Periódica (ECAP) e dados antropométricos. Realizou-se a análise descritiva das variáveis.

RESULTADOS

Insatisfação com a imagem corporal

Em relação à prevalência de insatisfação com a IC entre as universitárias da área da saúde, estudos encontraram a presença desse fator entre graduandas do curso de Nutrição, como em Reis e Soares (2017), com 69,7% das estudantes apresentando insatisfação com IC, Moraes e colaboradores (2016), com 30,7%, e Lopes e colaboradores (2017), com 72,25%.

No estudo de Kessler e Poll (2018), foi verificado que 51,1% das universitárias de diferentes áreas da saúde apresentavam algum grau de insatisfação com a IC.

Por sua vez, o estudo de Oliveira e colaboradores (2020), observaram 24,4% de prevalência de algum grau de insatisfação com a IC e 4,4% de insatisfação corporal grave entre universitárias dos cursos de Nutrição, Educação Física e Estética e Cosmética.

Bento e colaboradores (2016) encontraram 8,7% de prevalência de insatisfação leve com a IC entre as estudantes dos cursos de Fisioterapia (12,31%); Enfermagem (7,59%) e Nutrição (3,33%). Não foram observadas estudantes com grave insatisfação corporal. Neste estudo, pelo teste qui-quadrado, não se apresentou variação significativa da insatisfação com a IC entre os três diferentes cursos.

Em Moraes e colaboradores (2016), a insatisfação com a IC se apresentou maior entre as alunas que eram de instituição privada ($p=0,002$).

Em relação a insatisfação com a IC e o estado nutricional, o estudo de Kessler e Poll (2018) verificou que 74,7% das estudantes de diferentes áreas da saúde desejavam pesar menos, sendo que 64,9% destas apresentavam peso eutrófico.

Ademais, a maioria das estudantes apresentavam-se em eutrofia (69,8%). Entretanto, a insatisfação moderada e grave

com a IC foi mais prevalente naquelas estudantes com algum grau de excesso de peso, isto é, sobrepeso ou obesidade. Este resultado é semelhante ao verificado por Oliveira e colaboradores (2020), encontraram insatisfação grave e moderada em 75% das estudantes com obesidade.

Nesta mesma direção, Reis e Soares (2017) observaram uma maior insatisfação com a IC entre estudantes de nutrição com excesso de peso (100%) quando comparado com as estudantes eutróficas (66,7%) e com baixo peso (67,8%) do mesmo curso. 38,8% das estudantes apresentaram alguma alteração na percepção da IC, além de a maioria, de 69,7% das participantes, tendo apresentado insatisfação corporal.

Neste mesmo estudo, verificou-se que 49,7% das estudantes apresentaram insatisfação com a IC por excesso de peso, 58% das universitárias abaixo do peso apresentaram insatisfação por magreza, 54,1% das estudantes eutróficas se encontravam insatisfeitas por excesso de peso e 32,4% estavam satisfeitas com sua IC (Reis e Soares, 2017).

Resultado similar foi evidenciado no estudo de Moraes e colaboradores (2016), que também encontraram essa associação positiva entre universitárias do curso de Nutrição, tendo uma maior insatisfação com a IC entre alunas com excesso de peso ($p<0,001$).

Bento e colaboradores (2016) observaram uma relação significativa estatisticamente entre alteração da percepção da imagem corporal e os cursos avaliados os cursos (Nutrição, Enfermagem e Fisioterapia), estando a maioria das estudantes dos três cursos avaliados no estudo em eutrofia (69,54%), porém não foi identificada uma associação estatisticamente significativa entre estado nutricional e a insatisfação com a IC.

Com relação a percepção da IC, uma quantidade significativa de estudantes de Nutrição se classificaram como magras, e as graduandas de fisioterapia apresentaram maior

autopercepção de sobrepeso. A eutrofia foi identificada pela maioria das universitárias de enfermagem, seguidas por fisioterapia e nutrição.

No estudo de Lopes e colaboradores (2017), a insatisfação com a IC em diferentes graus foi prevalente, independente do estado nutricional. Constatou-se que 73,3% das ingressantes e 77,8% das concluintes estavam eutróficas, não havendo associação significativa entre tempo de curso e prevalência de baixo peso, que foi menor em concluintes.

No estudo de Lopes e colaboradores (2017), foi verificada uma maior prevalência de insatisfação com a IC em alunas concluintes do curso de nutrição (82,2%) do que entre as ingressantes no curso (62,3%). 20 % das ingressantes apresentaram distorção grave de sua IC, com diferença expressiva quando comparadas às concluintes.

Isso converge com os resultados do estudo de Moraes e colaboradores (2016), que encontrou uma maior prevalência de insatisfação corporal em universitárias do primeiro ano de Nutrição ($p=0,017$).

Moraes e colaboradores (2016) encontraram uma maior frequência de insatisfação com a IC em universitárias do curso de Nutrição que omitiam as refeições do desjejum ($p=0,009$) e do jantar ($p=0,015$).

Comportamentos de risco para transtornos alimentares e ortorexia

Verificou-se que, em Araújo, Bento e Custódio (2018), 38,6% e, em Reis e Soares (2017), 32,7% das universitárias do curso de Nutrição apresentavam risco para o desenvolvimento de TA ao apresentarem escore positivo, isto é, EAT+, que aponta a presença de comportamentos de risco para TA.

Em Reis e Soares (2017), foram realizadas associações entre o EAT-26, BSQ e SMT, obtendo-se que 32,1% das universitárias não apresentaram fator algum de risco para desenvolver TA e 3,6% apresentaram, nos três questionários, fatores de risco para o desenvolvimento de TA.

As estudantes com excesso de peso, em comparação às demais participantes de Reis e Soares (2017), apresentaram percentuais de BSQ com alteração, EAT-26 com risco e insatisfação corporal segundo a SMT.

No estudo realizado por Bento e colaboradores (2016), essa prevalência de

comportamentos de risco para TA foi de 40% entre as graduandas de Nutrição e de 21,8% entre as universitárias das diferentes áreas da saúde abrangidas. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Kessler e Poll (2018), que apresentaram 49 estudantes com escore positivo, representando 21,8% da amostra.

Em Oliveira e colaboradores (2020), obteve-se 26,7% de atitudes de risco para TA entre universitárias da área da saúde. No estudo de Moraes e colaboradores (2016), observou-se 22,4% desses comportamentos em graduandas do curso de nutrição.

Além disso, comportamentos de risco para TA foram observados por Moraes e colaboradores (2016) por se apresentarem mais frequentes entre as universitárias que omitiam o almoço ($p=0,008$), sendo essas atitudes também mais frequentes entre as alunas da rede privada ($p=0,001$).

Quando avaliado o estado nutricional e o comportamento de risco para TA, os resultados são distintos, apesar de haver maiores indícios de um risco elevado em universitárias com excesso de peso (Kessler e Poll, 2018).

No estudo de Kessler e Poll (2018), com universitárias de diferentes áreas da saúde, verificou-se que esse comportamento foi bastante prevalente nos estudantes eutróficas.

Outros estudos como Lopes e colaboradores (2017) e Reis e Soares (2017) encontraram uma maior prevalência de comportamento de risco para TA em universitárias com excesso de peso. Essa maior prevalência também foi apresentada por Oliveira e colaboradores (2020), sendo que a maioria das universitárias apresentou eutrofia.

No entanto, Araújo, Bento e Custódio (2018) verificaram em estudantes do curso de nutrição que, independentemente da classificação do estado nutricional, as universitárias estavam em um grupo de risco para o desenvolvimento de anorexia nervosa e TA, não sofrendo influência do seu atual estado nutricional, sendo que 70% das universitárias estavam em eutrofia segundo o IMC aferido e 71,4% pelo IMC autorreferido.

Em relação ao comportamento alimentar ortoréxico, Lemos e colaboradores (2018), encontraram uma alta prevalência em universitárias do curso de nutrição (85,4%) e biologia (55,3%), sendo que as estudantes do curso de nutrição apresentaram maior

predisposição a esse tipo de comportamento, além de maiores pontuações de restrição cognitiva em relação às alunas de biologia.

As universitárias do primeiro ano dos dois cursos apresentaram uma maior disposição para comportamento ortoréxico em relação às demais, não havendo diferença entre os grupos do primeiro e último ano em nenhum dos comportamentos avaliados, exceto para alimentação emocional.

Em Reis e Soares (2017), não se evidenciaram associações entre o tempo de curso e comportamentos de risco para TA.

Demais fatores

Outros fatores foram analisados nos artigos presentes nesta revisão, como comportamentos de checagem corporal e insatisfação com a IC.

Tais comportamentos obtiveram uma forte relação no estudo de Oliveira e colaboradores (2017) com universitárias de diferentes áreas da saúde, tendo uma associação significativa dessas duas variáveis para quase todos os cursos, com exceção de Nutrição.

O estudo de Dondzilo e colaboradores (2017) verificou que o aumento dos relatos de restrição alimentar e insatisfação com a IC foram associados a um maior viés de atenção à imagem ideal de magreza e, menos significativamente, a evitação de corpos não magros, ao estes serem comparados com imagens neutras. Os autores também identificaram que a ruminação específica para TA, esta caracterizada por preocupação com a alimentação, IC e controle de peso, mediou a relação entre os fatores investigados, sendo eles sintomas de transtorno alimentar, viés de atenção para corpos magros e não magros, IC, restrição alimentar e ruminação.

No estudo de Oliveira e colaboradores (2020), foi observado 77,8% de influência alta ou moderada da mídia entre as universitárias.

No estudo de Oliveira e colaboradores (2020), observou-se 02,2% de compulsão alimentar periódica em universitárias, sendo que o curso de nutrição apresentou maior prevalência (20%).

Relação entre insatisfação corporal e comportamentos de risco para transtornos alimentares e ortorexia em universitárias da saúde

O estudo de Kessler e Poll (2018) encontrou uma relação existente entre comportamentos de risco para TA e insatisfação com a IC em universitárias de diferentes áreas da saúde, também sendo encontrada associação estatisticamente significativa entre IMC e insatisfação corporal, além de IMC e comportamentos de risco. 87,75% apresentaram algum grau de insatisfação e atitudes de risco, 51,1% das universitárias tiveram algum grau de insatisfação corporal, e a prevalência de atitudes indicativas de TA foi de 21,8%.

Reis e Soares (2017) encontraram altos percentuais de risco para TA, alteração da percepção da IC e insatisfação corporal entre alunas de Nutrição, sendo todos esses fatores maiores entre as estudantes com excesso de peso, sendo uma tendência de aumento do risco para TA e alterações da percepção da IC crescentes à medida que o IMC foi maior.

Não foi observado esse aumento com relação à insatisfação corporal, sendo presente em todas as universitárias com excesso de peso, e estando em grande percentual em estudantes com baixo peso e, com menor proporção em estudantes eutróficas.

Além disso, a maioria das estudantes com baixo peso apresentavam-se insatisfeitas com sua IC, desejando aumentar suas silhuetas. Observou-se que 32,7% tinham risco para TA. Ao associar os resultados obtidos nos três instrumentos utilizados, 32,1% das avaliadas não apresentaram fator de risco para desenvolver TA.

DISCUSSÃO

Apesar de haver uma carência de estudos na literatura que associem os fatores comportamentos de risco para TA e insatisfação com a IC entre universitárias da área da saúde, os dados encontrados por Kessler e Poll (2018) verificaram essa relação, apontada por demais estudos (Oliveira e colaboradores, 2019; Santos e colaboradores, 2021; Moraes e colaboradores, 2016; El Assal e Fernandes, 2014).

Identifica-se, portanto, que estudantes de cursos da área da saúde são mais propensas a presença de comportamentos de

risco para TA, ao desenvolvimento de distúrbios alimentares, ON e insatisfação com a IC (Vilhena e Santos, 2022; Oliveira e colaboradores, 2019; Kessler e Poll, 2018; Maia e colaboradores, 2018).

Sugere-se que comportamentos de risco para TA em universitárias da área da saúde não dependem da classificação do estado nutricional, a partir dos estudos presentes nesta revisão.

No entanto, a maior prevalência de insatisfação com a IC em universitárias da área da saúde com excesso de peso, como apontada por Oliveira e colaboradores (2020), Reis e Soares (2017), Moraes e colaboradores (2016) e Lopes e colaboradores (2017), pode sugerir pressões e um estigma do peso, esses de natureza sociocultural.

O indivíduo torna-se, assim, marginalizado e excluído por possuir um corpo fora dos padrões estéticos, ou seja, o ideal de magreza torna o corpo gordo desvalorizado, sendo, portanto, atribuído um valor pejorativo ao excesso de peso (Mattos e Luz, 2009).

Nesse sentido, é preocupante a prevalência de compulsão alimentar e de comportamento ortoréxico encontrada nos estudos de Oliveira e colaboradores (2020) e Lemos e colaboradores (2018), o que indica, possivelmente, resultados da busca por um corpo considerado ideal, além de poder haver relação com um aumento da ocorrência de TA e aumento da insatisfação com a IC.

Outro comportamento de risco é a omissão das refeições, prática comumente apontada pela literatura especialmente no público de mulheres jovens (Comério, Ferreira, Riul, 2009; Moraes e colaboradores, 2016), que revela o medo excessivo de consumir refeições calóricas, o que leva, por sua vez, a práticas restritivas na alimentação a fim de se obter um corpo magro (Mattos e Luz, 2009; Rocha e colaboradores, 2020; Oliveira e colaboradores, 2019).

Fato similar pode ser analisado no estudo de Lemos e colaboradores (2018), que analisa a restrição cognitiva em universitárias do curso de Nutrição e Biologia.

A restrição cognitiva é caracterizada por um conjunto de comportamentos alimentares que envolvem obrigações e proibições, visando à redução da ingestão calórica e, conseqüentemente, manutenção ou perda de peso (Biagio, Moreira e Amaral, 2020).

Os resultados deste estudo mostraram que as universitárias apresentaram esse tipo de comportamento, sendo mais prevalente entre as estudantes do curso de Nutrição, quando comparadas às do curso de Biologia.

Quando avaliada a alimentação emocional e a alimentação descontrolada nesse mesmo estudo, foi visto que as universitárias de ambos os cursos apresentaram esses dois pilares, sem diferenças significativas entre os cursos.

A partir dos resultados desses estudos é possível analisar como os comportamentos alimentares das universitárias da área da saúde são tendenciosos à restrição calórica com o objetivo de perda ou manutenção de peso (Oliveira e colaboradores, 2019; Maia e colaboradores, 2018).

Essa prática pode estar associada a alterações emocionais como desregulação emocional, ansiedade, depressão, comportamentos obsessivos-compulsivos e alterações de autoestima, que podem refletir na alimentação (Souza e colaboradores, 2017; Fortes e colaboradores, 2015).

A correlação apontada por Oliveira e colaboradores (2017) com relação a comportamentos de checagem corporal e insatisfação com a IC reflete o possível condicionamento da construção da IC entre essas mulheres jovens, podendo contribuir para a insatisfação com a própria imagem.

A divergência de resultados quanto à presença de insatisfação corporal com relação ao período cursado sugere que são necessários novos estudos para avaliar essa relação.

Tanto ingressantes quanto concluintes estão expostas a cobrança e pressão social quanto a aparência, corpo e um estilo de vida considerados ideais exigidos com a futura profissão, podendo a IC ser vista por parte da sociedade como mediador do sucesso profissional.

Ingressantes nos cursos da área da saúde, estando no começo de sua vida acadêmica, não possuem uma grande base de conhecimentos relativos a uma vida saudável, tendo um aumento de risco para TA e ON (Vital e colaboradores, 2017; Penaforte e colaboradores, 2018; Rocha e colaboradores, 2020).

Além disso, podem estar na transição da adolescência para a fase adulta, em que há um maior risco para insatisfação com a IC (Petroski, Pelegrini e Glaner, 2012).

Sugere-se que a ruminação específica para transtorno alimentar contribui para a insatisfação corporal e restrição alimentar. Além disso, os resultados sugerem que o viés de atenção às imagens de corpos magros desempenha um papel importante no desenvolvimento de sintomas de TA.

Quando analisado no estudo de Sienko e colaboradores (2016) entre universitárias que se autopercebiam acima do peso, foi encontrada uma relação significativa entre as variáveis o viés da internalização do peso, depressão e sintomas de TA, não sendo significativamente associado ao estado nutricional.

Os dados desse estudo corroboram com a ideia de que indivíduos com depressão podem estar propensos a internalizar o viés de peso, o que pode, por sua vez, levar a sintomas de TA, independentemente do status real do peso de cada um.

A percepção do corpo, dificuldades de comunicação, falta de pertencimento social, impulsividade, desesperança e agressividade são destacados como possíveis fatores que estão associados à ideação suicida em universitários (Barbosa, Penaforte e Silva, 2020).

Adicionalmente, como visto no estudo de Oliveira e colaboradores (2020), a mídia parece possuir forte influência sobre universitárias da área da saúde, sendo necessários mais estudos para investigar esse fator, além de como realizar intervenções em favor da saúde da população nesse sentido.

As redes sociais reforçam o culto ao corpo, além de preconizarem a glamourização de dietas e comportamentos em busca de IC dentro dos padrões estéticos, o que pode influenciar fortemente o comportamento alimentar (Silva e Pires, 2019).

Destacam-se, dessa forma, os impactos para estudantes e profissionais da área da saúde, por essa maior vulnerabilidade relativa à sua saúde, comportamento alimentar e contexto em que estão inseridos.

Por isso, faz-se essencial a capacitação desses profissionais e acadêmicos para conviverem com TA e um ambiente com mais fatores de risco, sendo habilitados para atuarem no cuidado com o público, não apenas no tratamento multidisciplinar de TA como de quaisquer patologias ou problemas de saúde.

É ideal, por esses impactos atingirem também sua formação acadêmica, que sejam abordados aspectos que os preparem para o

enfrentamento destes desafios, e de forma ao ambiente acadêmico possibilitar uma redução do risco para TA (Vilhena e Santos, 2022; Araújo, Bento e Custódio, 2018).

Para isso, podem ser realizadas intervenções, de forma a evitar que seja gerada culpa pelo peso ou delimitar o indivíduo a um diagnóstico ou patologia, não considerando a sua complexidade como ser humano.

Segundo Berbigier e Magalhães (2017), a universidade, como espaço coletivo, possui um grande potencial para a promoção de saúde.

Nessa direção, pode ser compreendida como um ambiente propício para o enfrentamento de problemas relativos à saúde mental, o que pode ser executado por meio de uma formação adequada para capacitar futuros profissionais a terem uma conduta adequada ante os desafios tanto em sua atuação profissional quanto em suas vidas pessoais.

Ademais, é possível exercer o potencial para promover saúde por meio de debates de assuntos como o estigma do peso, enfrentamento do preconceito e marginalização de corpos gordos, influência da mídia, insatisfação com a IC, comportamentos de risco para TA como a omissão de refeições e demais restrições, checagem corporal e pesagem frequente, abuso de dietas restritivas ou exercícios físicos, entre outros.

Este artigo apresentou como limitação o viés de seleção de informações, devido à especificidade do conteúdo.

Necessita-se estudos adicionais para investigar a abrangência da relação, em universitárias da área da saúde, entre insatisfação com a IC, TA e ON, comportamentos de risco para TA e ON, como checagem corporal, compulsão alimentar, comportamento ortoréxico, restrição cognitiva, ruminação específica para TA e outros, além de demais fatores como a influência da mídia e tempo de curso.

CONCLUSÃO

Os resultados desta revisão evidenciam a complexa relação existente entre comportamentos de risco para TA, insatisfação com a IC, e TA e ON entre universitárias dos cursos da área da saúde, sobretudo entre estudantes de Nutrição.

Podem estar associados diversos fatores, como estado nutricional, internalização do estigma do peso, checagem corporal,

omissão de refeições, ruminação, processamento seletivo de imagens corporais, influência da mídia, período do curso de graduação e rede de ensino, restrição cognitiva, depressão e demais transtornos mentais, alimentação emocional e alimentação descontrolada.

Além disso, essa complexa relação existente pode estar associada a um culto à magreza e ao corpo e pressões sociais vivenciados por esse grupo e aos impactos gerados pelo maior risco para TA e ON, insatisfação com a IC e comportamentos de risco para TA e ON.

Nesse sentido, evidencia-se a necessidade de discutir e implementar estratégias e ações nos espaços universitários das instituições públicas e privadas de ensino superior no Brasil, a fim de contribuir para a saúde mental da comunidade acadêmica, criando espaço para a busca por auxílio por meio da escuta, apoio e acolhimento).

A literatura aponta uma lacuna importante nesses espaços, sendo necessário intervenções adicionais, especialmente devido ao contexto pandêmico da Covid 19 (Ribeiro e colaboradores, 2021).

Além disso, é essencial que sejam realizados mais estudos, de forma a ser garantida uma excelente construção de referenciais teóricos com relação a diferentes abordagens, estratégias e condutas para o manejo e tratamento desses distúrbios e comportamentos de risco para TA, associados ou não à insatisfação com a IC, envolvendo não apenas a dietoterapia prescritiva como o Mindful Eating, o Comer Intuitivo, e Health at Every Size (HAES), baseadas em uma abordagem centrada no comportamento alimentar (Biagio, Moreira e Amaral 2020; Barbosa, Penaforte e Silva, 2020).

Ademais, é preciso que o processo formativo na área da saúde fomente mais debates e ações focalizadas na saúde mental dos estudantes para redução do risco para o desenvolvimento de TA.

Portanto, são oportunas realizações de cursos, oficinas e eventos nos espaços de formação acadêmica, sobretudo, na área da saúde a fim de prevenir o problema.

A maior inclusão, em cursos de graduação em saúde, de disciplinas das áreas de ciências humanas e sociais, com foco voltado à vivência na saúde pode também contribuir para desenvolver o pensamento crítico e analítico a respeito da influência da

sociedade, do consumo e do processo de construção dos ideais de beleza e de corpo (Bosi e colaboradores, 2006).

Assim, poder-se promover uma melhor preparação para o enfrentamento de obstáculos e desafios a respeito dessa temática dentro das universidades, que poderá refletir futuramente na atuação desses profissionais da área da saúde.

CONFLITO DE INTERESSES

As autoras declaram ausência de conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

- 1-Alvarenga, M.S.; Scagliusi, F.B.; Philippi, S.T. Comportamento de risco para transtorno alimentar em universitárias brasileiras. *Revista de Psiquiatria Clínica*. Vol. 38. Num. 1. 2011. p. 3-7.
- 2-Araújo, T.S.; Bento, F.C.J.C.; Custódio, M.R.M. Risco para o desenvolvimento de anorexia nervosa em estudantes universitárias de nutrição. *Revista de Divulgação Científica Sena Aires*. Vol. 7. Num. 3. 2018. p. 192-199.
- 3-El Assal, S.; Fernandes, D.C. Imagem corporal e comportamentos de risco para transtornos alimentares em praticantes de exercícios e atletas: evidências científicas. *Estudos*. Vol. 41. Num. Especial. 2014. p. 31-41.
- 4-Barbosa, M.R.; Penaforte, F.R.O., Silva, A.F.S. Mindfulness, mindful eating and intuitive eating in the approach to obesity and eating disorders. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog*. Vol. 16. Num. 3. 2020. p. 118-135.
- 5-Beneton, E.R.; Schmitt, M.; Andretta, L. Sintomas de depressão, ansiedade e estresse e uso de drogas em universitários da área da saúde. *Revista da SPAGESP*. Vol. 22. Num. 1. 2021. p. 145-159.
- 6-Bento, K. B. M.; Andrade, K.N.D.S.; Silva, E.I.G. e; Mendes, M.L.M.; Omena, C.M.B. de; Carvalho, P.G.S. de; Schwingel, P.A. Transtornos Alimentares, Imagem Corporal e Estado Nutricional em Universitárias de Petrolina-PE. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*. Vol. 20. Num. 3. 2016. p. 197-202.

- 7-Berbigier, M.C.; Magalhães, C.R. Educação nutricional em universitários e estratégias para promoção de saúde institucional: revisão integrativa. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*. Vol. 30. Num. 2. 2017. p. 264.
- 8-Bernardino, M.R.; Souza, C.T.; Francisqueti, F.V.; Souza, D.T. Avaliação da insatisfação da imagem corporal e possíveis transtornos alimentares em estudantes de áreas da saúde de uma faculdade particular de Bauru-SP. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. São Paulo. Vol. 13. Num. 82. 2020. p. 888-897.
- 9-Biagio, L.D.; Moreira, P.; Amaral, C.K. Comportamento alimentar em obesos e sua correlação com o tratamento nutricional. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol. 69. Num. 3. 2020. p. 171-8.
- 10-Borges, N.J.B.G.; Sicchieri, J.M.F.; Ribeiro, R.P.P.P.; Marchini, J.S.; Santos, J.E. transtornos alimentares - quadro clínico. *Medicina (Ribeirão Preto)*. Vol. 39. Num. 3. 2006. p. 340-348.
- 11-Bosi, M.L.M.; Luiz, R.R.; Morgado, C.M.C.; Costa, M.L.S.; Carvalho, R.J. Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro. *Jornal brasileiro de psiquiatria*. Vol. 55. Num 2. 2006. p. 108-113.
- 12-Carvalho, P.H.B.; Filgueiras, J.F; Neves, C.M.; Coelho, F.D.; Ferreira, M.E.C. Checagem corporal, atitude alimentar inadequada e insatisfação com a imagem corporal de jovens universitários. *Jornal brasileiro de psiquiatria*. Vol. 62. Num. 2. 2013. p. 108-114.
- 13-Comério, M.S; Ferreira, V.A; Riul, T.R. Alimento e corpo signo: um estudo a respeito das concepções de corpo, alimentação e estilo de vida de universitárias. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. São Paulo. Vol. 3. Num. 13. 2009. p. 69-76.
- 14-Cordeiro, A.M.; Oliveira, G.M.; Rentería, J.M.; Guimarães, C.A. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*. Vol. 34. Num. 6. 2007. p. 428-431.
- 15-Costa, D.G.; Carleto, C.T.; Santos, V.S.; Haas, V.J.; Gonçalves, R.M.D.A.; Pedrosa, L.A.K. Qualidade de vida e atitudes alimentares de graduandos da área da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Vol. 71. Suplemento 4. 2018. p. 1643-1649.
- 16-Duarte, F.M.; Almeida, S.D.S.; Martins, K.A. Alimentação fora do domicílio de universitários de alguns cursos da área da saúde de uma instituição privada. *O Mundo da Saúde*. Vol. 37. Num. 3. 2013. p. 288-298.
- 17-Fortes, L. S.; Meireles, J.F.F.; Neves, C.M.; Almeida, S.S.; Ferreira, M.E.C. Autoestima, insatisfação corporal e internalização do ideal de magreza influenciam os comportamentos de risco para transtornos alimentares? *Revista Nutrição*. Campinas. Vol. 28. Num. 3. 2015. p. 253-264.
- 18-Fortes, L.S.; Almeida, S.S.; Ferreira, M.E.C. Indicadores antropométricos de insatisfação corporal e de comportamentos alimentares inadequados em jovens atletas. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*. Vol. 19. Num. 1. 2013. p. 35-39.
- 19-Frois, E.M.; Moreira, J.; Stengel, M. Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. *Psicologia em Estudo*. Vol. 16. Num. 1. 2011. p. 71-77.
- 20-Goldenberg, M. Gênero, o corpo e imitação prestigiosa na cultura brasileira. *Saúde e Sociedade*. São Paulo. Vol. 20. Num. 3. 2011. p. 543-553.
- 21-Guimarães, I.C.T. Estado nutricional, avaliação de transtornos alimentares e autoimagem corporal em universitárias do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. São Paulo. Vol. 12. Num. 70. 2018. p. 196-204.
- 22-Kessler, A.; Poll, F.A. Relação entre imagem corporal, atitudes para transtornos alimentares e estado nutricional em universitárias da área de saúde. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol. 67. Num. 2. 2018. p. 118-125.
- 23-Lemos, N.A.M.; Penaforte, F.R.O.; Rinald, A.E.N; Diez-Garcia, R.W.; Japur, C.C. Orthorexic eating behavior and dietary restraint in female undergraduate students. *Revista Chilena de Nutrição*. Vol. 45. Num. 3. 2018. p. 252-257.

- 24-Lopes, M.A.M.; Paiva, A.A.; Lima, S.M.T.; Cruz, K.J.C.; Rodrigues, G.P.; Carvalho, C.M.R.G. Percepção da imagem corporal e estado nutricional em acadêmicas de nutrição de uma universidade pública. *Demetra: alimentação, nutrição e saúde*. Vol. 12. Num. 1. 2017. p.193-206.
- 25-Maia, R.G.L.; Fiorio, B.C.; Almeida, Z.N.; Silva, F.R. Estado nutricional e transtornos do comportamento alimentar em estudantes do curso de graduação em nutrição do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Ceará, Brasil. *Demetra: Alimentação, Nutrição e Saúde*. Vol. 13. Num. 1. 2018. p. 135-145.
- 26-Mattos, R.S.; Luz, M.T. Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Vol. 19. Num. 2. 2009. p. 489-507.
- 27-Monteiro, M.R.P.; Andrade, M.L.O.; Zanirati, V.F.; Silva, R.R. Hábito e consumo alimentar de estudantes do sexo feminino dos cursos de Nutrição e de Enfermagem de uma universidade pública brasileira. *Revista de Atenção Primária a Saúde*. Vol. 12. Num. 3. 2009. p. 271-277.
- 28-Moraes, J.M.M.; Oliveira, A.C.; Nunes, P.P.; Lima, M.T.M.A.; Abreu, J.A.O.; Arruda, S.P.M. Fatores associados à insatisfação corporal e comportamentos de risco para transtornos alimentares entre estudantes de nutrição. *Revista de Pesquisa em Saúde*. Vol. 17. Num. 2. 2016. p. 106-111.
- 29-Morgan, C.M.; Vecchiatti, I.R.; Negrão, A.B. Etiologia dos transtornos alimentares: Aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. Vol. 24. Num. 3. 2002. p. 18-23.
- 30-Mota, D.C.B.; Silva, Y.D.; Costa, T.A.F.; Aguiar, M.H.C.; Marques, M.E.M.; Monaquezi, R.M.; Saúde mental e uso de internet por estudantes universitários: estratégias de enfrentamento no contexto da COVID-19. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*. Vol. 26. Num. 6. 2021. p. 1678-4561.
- 31-Oliveira, A.P.G.; Fonseca I.R.; Almada M.O.R.V.; Acosta R.J.L.T., Silva M.M.; Pereira K.B.; Nascimento, P.L.; Salomão J.O. Transtornos alimentares, imagem corporal e influência da mídia em universitárias. *Revista de Enfermagem*. Vol. 14. Num. 2020. p. 1-9.
- 32-Oliveira, J.; Figueiredo, L.; Cordás, T.A. Prevalência de comportamentos de risco para transtornos alimentares e uso de dieta "low-carb" em estudantes universitários. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol. 68. Num. 4. 2019. p. 183-90.
- 33-Oliveira, L.L.; Hutz, C.S. Transtornos alimentares: o papel dos aspectos culturais no mundo contemporâneo. *Psicologia em Estudo*. Vol. 15. Num. 3. 2010. p. 575-582.
- 34-Oliveira, P.L.; Ferreira, M.E.C.; Neves, C.M.; Meireles, J.F.F.; Carvalho, P.H.B. Insatisfação e checagem corporal e comportamento alimentar em estudantes de Educação Física, Nutrição e Estética. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol. 66. Num. 4. 2017. p. 216-20.
- 35-Penaforte, F.R.O.; Barroso, S.M.; Araújo, M.E.; Japur, C.C. Ortorexia nervosa em estudantes de nutrição: associações com o estado nutricional, satisfação corporal e período de cursado. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Uberaba. Vol. 67. Num. 1. 2018. p. 18-24.
- 36-Petroski, E.L.; Pelegrini, A.; Glaner, M.F. Motivos e prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescentes. *Ciência e saúde coletiva*. Vol. 17. Num. 4. 2012. p 107 - 1077.
- 37-Reis, A.S.D.; Soares, L.P. Estudantes de Nutrição Apresentam Risco para Transtornos Alimentares. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*. Vol. 21. Num. 4. 2017. p. 29881.
- 38-Ribeiro, L.S.; Bragé, E.G.; Ramos, D.B.; Fialho, I.R.; Vinholes, D.B.; Lacchini, A.J. Efeitos da pandemia de COVID-19 na saúde mental de uma comunidade acadêmica. *Acta Paulista de Enfermagem*. Vol. 34. 2021.
- 39-Rocha, G.A.F.; Nogueira, J.A.; Pina, N.R.L.; Trindade, D.L.; Ferreira, H.A.M.; Bisotto, I.B.; Neto, C.R.; Baptista, G.A.G.; Pilar, A.B.; Passos, S.R.L. Prevalência e fatores associados a Bulimia ou Anorexia Nervosa em universitárias da área de saúde. *Brazilian Journal of Development*. Vol. 6. Num. 11. 2020. p. 90174-90198.

40-Rother, E.T. Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*. Vol. 20. Num. 2. 2007. p. 5-6.

41-Santos, M.M.; Moura, P.S.; Flauzino, P.A.; Alvarenga, M.S.; Arruda, S.P.M.A.; Carioca, A.A.F. Comportamento alimentar e imagem corporal em universitárias do curso de nutrição. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol. 70. Num. 2. 2021. p. 126-133.

42-Sienko, R.M.; Saules, K.K; Carr, M.M. Internalized weight bias mediates the relationship between depressive symptoms and disordered eating behavior among women who think they are overweight. *Eating Behaviors* Vol. 22. 2016. p. 141-144.

43-Silva, S.A.; Pires, P.F.F. A influência da mídia no comportamento alimentar de mulheres adultas. *Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa*. Vol. 35. Num. 69. 2019. p. 53-67.

44-Souza, A.C.; Alvarenga, M.S. Insatisfação com a imagem corporal em estudantes universitários: uma revisão integrativa. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol. 65. Num. 3. 2016. p. 286-299.

45-Souza, D.T.B.; Lúcio, J.M.; Araújo, A.S.; Batista, D.A. Ansiedade e Alimentação: uma análise inter-relacional. *II Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde*. 2017.

46-Souza, Q.; Rodrigues, A. Comportamento de risco para ortorexia nervosa em estudantes de nutrição. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol. 63. Num. 3. 2014. p. 200-204.

47-Trindade, A.; Appolinario, J.C.; Mattos, P.; Treasure, J.; Nazar, B.P. Eating disorder symptoms in Brazilian university students: a systematic review and meta-analysis. *Brazilian Journal of Psychiatry*. Vol. 41. Num. 2. 2019. p. 179-187.

48-Vargas, E.G.A. A influência da mídia na construção da imagem corporal. *Revista Brasileira de Nutrição Clínica*. Vol. 29. Num 1. 2014. p. 73-5.

49-Vilhena, H.M.A.V.; Santos, L.C.DOS. Cursar nutrição e ortorexia nervosa: Prevalências e instrumentos de avaliação. *Revista Brasileira*

de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento. São Paulo. Vol. 14. Num. 89. 2022. p. 1096-1106.

50-Vital, A.N.S.; Silva, A.B.A.; Silva, E.I.G.; Messias, C.M.B. Risco para desenvolvimento de ortorexia nervosa e o comportamento alimentar de estudantes universitários. *Saúde e Pesquisa*. Vol. 10. Num. 1. 2017. p. 83-89.

Correspondência:

Vanessa Alves Ferreira.

vanessa.nutr@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais.

Escola de Enfermagem, Departamento de Nutrição.

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Recebido para publicação em 28/04/2022

Aceito em 05/06/2022